



O DITO DINHEIRO



Antônio Eugênio Cunha
Presidente do Sinepe/ES e diretor da Fenep

Após mais um dia de trabalho, sento para ouvir e ler sobre as últimas notícias, e a maioria do que encontro traz informações desastrosas e criminosas sobre o mau uso do dito "dinheiro público". Reflito fundamentado em Margaret Thatcher e Abraham Lincoln, dois grandes líderes mundiais, tomando como base frases e discursos que se tornaram históricos.

Quanto do nosso dinheiro deve ser gasto pelo Estado e com quanto devemos ficar para empregar com nossa família? Como responder? Existe uma verdade fundamental: os recursos do Estado são provenientes dos impostos pagos por cada um de nós, cidadãos; portanto, é obrigação administrá-lo com competência e responsabilidade, fazendo com que retorne em serviços para a sociedade. Se o Estado precisa gastar mais do que possui, ou, ainda, mais do que arrecada, é necessário aumentar tributos. Não pensem que existe algum jeito milagroso para garantir aumento de arrecadação. Quem paga somos nós!

Importante dizer que o dinheiro público é o dinheiro de todo mundo que paga imposto e, aqui, no Brasil, o imposto está embutido em tudo e acumulado ao longo da cadeia de transformação, como também no consumo final. Portanto, todos os brasileiros pagam impostos.

A prosperidade de nossa Nação não virá por inventarmos mais programas generosos e assistencialistas que utilizem esses recursos. O aumento dos gastos com essas iniciativas não enriquece a sociedade. Nenhuma nação tornou-se próspera por aumentar continuamente os tributos, ultrapassando a capacidade de pagamento de seus cidadãos e, conseqüentemente, impu-tando sacrifícios cada vez maiores.

Nós, cidadãos brasileiros, temos o dever de exigir que cada real arrecadado com tributos seja aplicado de forma competente, inteligente, honesta e, acima de tudo, a favor da população brasileira. Proteger o salário e as economias dos cidadãos, os serviços públicos e garantir as necessidades básicas da Nação são tarefas obrigatórias dos governos. Realizar ações políticas e assistencialistas,



PÚBLICO

com interesses próprios ou eleitoreiros, só promove gastos acima do disponível.

Empresas e famílias sabem que só podem gastar dentro do seu orçamento. Logo, o governo também tem que fazê-lo. Não podemos admitir que o endividamento seja pago com mais tributação sobre a população. Precisamos manter alguns princípios básicos para continuar crescendo e nos desenvolvendo. Assim, podemos lembrar frases atribuídas a Abraham Lincoln:

- “Não criarás a prosperidade, se desestimulares a poupança”;
- “Não fortalecerás os fracos por enfraquecer os fortes”;
- “Não estimularás a fraternidade humana se alimentares o ódio de classes”;
- “Não evitarás as dificuldades se gastares mais do que ganhas”;
- “Não poderás criar estabilidade permanente baseada em dinheiro emprestado”;

- “Não fortalecerás a dignidade e o ânimo se subtraíres ao homem a iniciativa e a liberdade”;

- “Não poderás ajudar os homens de maneira permanente se fizeres por eles aquilo que eles podem e devem fazer por si próprios”.

Usando a lógica desses comportamentos, que são muito simples e claros, afirmo que precisamos ajudar a fortalecer cada vez mais as instituições que denunciam, controlam e fiscalizam os poderes da República.

A população foi para as ruas em meados de 2013 para protestar contra tudo isso que está aí, e agora, em 2015, retornamos com os protestos, sem condução de partidos políticos, de forma ordeira, sem vandalismo. A passividade da população encerrou-se, e ela cobra o fim da corrupção, da incompetência e das mentiras. Precisamos exigir que a ferramenta de transformação da sociedade, que é a política, seja feita por homens competentes, sérios e de bem. ■

www.sinepe-es.org.br